



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

MARIA SOCORRO L. DE VASCONCELOS T. DE FARIAS

**A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA ESCOLA: CONTEXTOS,
CONCEPÇÕES E CRÍTICAS**

**JOÃO PESSOA - PB
2018**

MARIA SOCORRO L. DE VASCONCELOS T. DE FARIAS

**A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA ESCOLA: CONTEXTOS,
CONCEPÇÕES E CRÍTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Daniel Figueiras Alves.

**JOÃO PESSOA – PB
2018**

MARIA SOCORRO L. DE VASCONCELOS T. DE FARIAS

**A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA ESCOLA: CONTEXTOS,
CONCEPÇÕES E CRÍTICAS**

APROVADA EM: 12/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Daniel Figueiras Alves – Orientador
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Maria da Conceição Gomes de Miranda – 1º membro
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Wilder Kleber Fernandes de Santana – 2º membro
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

**JOÃO PESSOA - PB
2018**

F224e Farias, Maria Socorro Lourdes de Vasconcelos
Tavares de.

A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA ESCOLA: CONTEXTOS,
CONCEPÇÕES E CRÍTICAS / Maria Socorro Lourdes de
Vasconcelos Tavares de Farias. - João Pessoa, 2018.
38 f.

Orientação: Daniel Figueiras Alves ALVES.
Monografia (Graduação) - UFPB/CENTRO DE EDUCA.

1. Desafios da Sala de Aula; Metodologia; Educação Em.
I. ALVES, Daniel Figueiras Alves. II. Título.

UFPB/BC

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem ele não estaria realizando esse meu desejo, aos meus pais que já não se encontram presentes fisicamente, mas que em vida me deixaram um legado: sempre seguir em frente na busca de um sonho sem perder a dignidade e humildade e a minha família pela compreensão e companheirismo de sempre me apoiando nas minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, saúde e família, pois pela fortaleza e união desse trio, que, a mim, foram possibilitadas todas as conquistas e vitórias desde o meu nascimento.

Aos professores que conduzem minha formação acadêmica, pois são essenciais no meu aprendizado; a eles expresse minha admiração.

E, finalmente, com muito carinho e orgulho, aos meus familiares, esposo e filhas, pela compreensão na minha ausência, e por sempre me dar força para nunca desistir dos meus sonhos.

*“Educar é, em essência, mostrar ao outro o encanto da
possibilidade”*

Gilberto Dimenstein

RESUMO

Atualmente, percebe-se que a formação de alunos no Ensino Básico não é suficiente diante das dificuldades enfrentadas para ingressar no mercado de trabalho. A proposta de alfabetizar e realizar as instruções elementares, papéis tradicionais da Educação, não suprem necessidades futuras dos alunos. Entende-se que é necessária uma melhor preparação, tanto dos alunos quanto dos professores, no que se refere à atividade de ensino. Este Trabalho de Conclusão de Curso visa apresentar, de forma concisa e discursiva, o sentido da Educação Empreendedora e destacar possíveis contribuições para a Educação nos dias atuais. Há uma necessidade de formação educacional, básica e inicial, com vistas ao preparo desse estudante que, futuramente, buscará seu espaço no mercado de trabalho e essa proposta empreendedora, por sua vez, ofereceria uma gama de oportunidades e capacidades diversas, como, por exemplo, o trabalho em equipe e a sagacidade para a resolução de conflitos. Apresentamos, para tal, alguns elementos do trabalho desenvolvidos pelo SEBRAE no que diz respeito ao modelo de formação desenvolvido por esta entidade, notadamente o Projeto de Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP).

Palavras-chave: Desafios da Sala de Aula; Metodologia; Educação Empreendedora; Empreendedorismo; Formação Docente.

ABSTRACT

Currently, it is noticed that the training of students in Basic Education is not enough in the face of the difficulties faced to enter the labor market. The proposal to literate and carry out the elementary instructions, traditional roles of Education, does not meet the students' future needs. It is understood that better preparation is required of both pupils and teachers as regards the teaching activity. This Course Conclusion Paper aims to present, in a concise and discursive way, the meaning of Entrepreneurial Education and highlight possible contributions to Education in the present day. There is a need for basic and initial educational training, with a view to preparing this student, who will eventually seek his place in the labor market, and this entrepreneurial proposal, in turn, would offer a range of opportunities and diverse capacities, teamwork, and wit for conflict resolution. To this end, we present some elements of the work developed by SEBRAE in relation to the model developed by this entity, notably the Projeto de Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP).

Keywords: Challenges on the classroom, Methodology, Entrepreneurial Education, Entrepreneurship, Teacher Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – Educação Empreendedora: concepções e contexto histórico	14
1.1 – Empreendedorismo: conceitos e teorias	15
1.2 – Algumas críticas à Educação Empreendedora	19
CAPÍTULO 2 – Empreendedorismo no Brasil: breve recorte para a Educação	22
2.1 – Uma Educação Empreendedora no contexto brasileiro	23
CAPÍTULO 3 – O modelo de Educação Empreendedora do SEBRAE	27
3.1 – A atuação do SEBRAE na Educação Formal	28
3.2 – O Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos	30
3.3 – Conteúdos, ciclos de aprendizagem e métodos do Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Ensino Fundamental não pode mais se limitar a alfabetizar e dar formação básica. É preciso preocupar-se com a preparação dos professores e alunos para enfrentar os desafios futuros do mercado trabalho, pois a sociedade contemporânea exige pessoas autônomas, com competências múltiplas, que saibam trabalhar em equipe, tenham capacidade de aprender com situações novas e complexas, que enfrentem novos desafios e promovam transformações. Tais qualidades, acreditamos e defendemos neste texto, podem vir a ser estimuladas por meio de uma Educação Empreendedora.

Durante o processo de formação dos professores, especialmente focada nas atividades de ensino aprendizagem, nada é, oficialmente, mencionado sobre o Empreendedorismo ou Educação Empreendedora. Entendemos que, por se tratar de uma formação voltada para o Ensino Básico, notadamente da rede pública, não caberia enfatizar tais questões e visões acerca do empreendedorismo. No entanto, defendemos que uma postura empreendedora poderia contribuir para a formação docente, tendo em vista as exigências colocadas para estes profissionais e para a sociedade de um modo geral. Também não lhes é oferecida formação ou informação para compreensão desses conceitos como sendo a capacidade de descobrir e utilizar as melhores potencialidades pessoais, o aumento da autoestima, da proatividade e da cooperação, tão necessárias na formação dos jovens. É nesse sentido que a proposta de Educação Empreendedora será aqui colocada, isto é, mais como uma possibilidade de ampliar horizontes e contribuir para as discussões em torno da formação desses agentes de mudança em nossa sociedade.

Estudos apontam para a grande necessidade de se desenvolver no ambiente escolar uma postura de ensino que proporcione um aprendizado focado nos quatro pilares da educação, algo que ajude os educandos a refletir e reconhecer em si mesmos, competências necessárias para serem protagonistas de suas vidas de forma sustentável. Com essa preocupação, muitas escolas e professores têm buscado adotar novas formas para melhorar suas práticas pedagógicas. Uma dessas formas será aqui exemplificada pela proposta veiculada pelo SEBRAE/PB no curso JEPP – Jovens Empreendedores Primeiros Passos. Trata-se de uma metodologia desenvolvida para o Ensino Fundamental, com o objetivo de

ampliar e desenvolver uma cultura empreendedora entre professores e alunos. O curso é realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação que disponibiliza para a escola e os professores, após serem capacitados na metodologia pelo SEBRAE, aplicar em sala de aula o método para os alunos dos anos iniciais e finais.

O projeto tem se revelado inovador para as escolas e professores que adotaram em sala de aula é modelo pioneiro de implantação de uma Educação Empreendedora no ensino público. Novas práticas pedagógicas de uma Educação que vai além da escola, que busca trilhas e estímulos que contribuam para que os estudantes desenvolvam a imaginação criadora, o despertar do sonho de professores e alunos.

A partir das experiências de alguns professores com a referida metodologia, pretendemos responder questões como: “até onde o ensino do empreendedorismo difere do ensino tradicional? ”, e ainda “como o professor vê sua atuação profissional no entendimento das práticas empreendedoras? ”. Tais questões nortearão o curso de nosso texto e buscarão, no teor de suas respostas, defender e fortalecer o ponto de vista aqui adotado de que A Educação Empreendedora pode contribuir para a formação do professor, mesmo no âmbito público. Reiteramos, assim, o foco no desenvolvimento das habilidades e competências atitudinais, pode ser um caminho de transformação das práticas pedagógicas nas escolas, tornando os conteúdos mais interessantes e envolventes para os alunos e professores.

Em todo o mundo, crescem as iniciativas para a formação de jovens com atitudes e comportamentos que os habilite a entender o processo de cidadania na sociedade, assumindo uma posição proativa frente a ela. A missão da escola é formar cidadãos para o mundo, portanto, é importante trabalhar numa proposta, desde cedo, com foco no desenvolvimento das habilidades e competências dos jovens, que colaborem para o fortalecimento da autonomia. Os pilares do ensino empreendedorismo são a formação de atitudes e o desenvolvimento de técnicas de planejamento.

Muitas são as iniciativas de inovação das práticas nas escolas, a Educação Empreendedora pode ser um caminho. Disseminar a cultura é fundamental na formação dos professores na busca do autoconhecimento, de novas aprendizagens, contribuindo para uma Educação transformadora, quebrando paradigmas na busca do fortalecimento da autonomia, do projeto de vida e da liberdade de decidir sobre o próprio destino. A Educação Empreendedora traz benefícios imediatos às crianças e jovens. É por meio dela que os alunos podem ser estimulados a ter ideias criativas, persistência, comprometimento e autoconfiança.

É necessário promover e ampliar o entendimento sobre o que é empreendedorismo, um empreendedorismo que não apenas gire em torno do sentido empresarial, mas que

mergulhe fundo no estudo do comportamento, que reconheça e incentive as atitudes empreendedoras do indivíduo, das condições ambientais e formulação de métodos de ensino para a sua socialização.

A proposta de uma Educação Empreendedora, conforme mencionamos anteriormente, estabelece uma correspondência entre os quatro pilares da educação para o século XXI da UNESCO (Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Ser e Aprender a Conviver), com as três correntes pedagógicas consagradas: a cognitivista, a humanista e a sócio-crítica, quando busca desenvolver habilidades e competências nos jovens que colaborem para o fortalecimento da autonomia, do projeto de vida e da liberdade de decidir sobre o próprio destino.

É fato que a função do professor é ser um “agente de transformação”, e, como agente transformador, é necessário agir com compromisso ético educativo, fazendo com que a teoria e a prática caminhem juntas. Diante desse contexto, a relevância deste trabalho se traduz na necessidade de sintetizar que o conceito de empreendedorismo pressupõe mudança, podendo ser um grande aliado na abertura de novos caminhos que nos ajudem na construção de um novo perfil de jovem mais motivado e mais reflexivo de seu papel na sociedade.

CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: CONCEPÇÕES E CONTEXTO HISTÓRICO

Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, acentua-se o processo de Revolução Industrial, iniciado no século XIX, e consolida-se, em escala global, a hegemonia do sistema capitalista e seus desdobramentos nas relações entre os indivíduos e o trabalho. Após esse período, em função da disseminação e predomínio das novas tecnologias na vida da sociedade, tais como a informática, a cibernética, a robótica e mídias digitais, a oferta de trabalho e as oportunidades de colocação profissional entram em declínio diante das novas exigências impostas à formação para o trabalho. As empresas, especialmente as grandes companhias transnacionais, passam a exigir, cada vez mais, especialistas em determinadas funções e profissionais dotados de habilidades e competências múltiplas para exercerem profissões de destaque – imprescindíveis ao funcionamento dessa nova roupagem do sistema capitalista (BARROSO, apud MARTINS, 2012).

Devido a uma maior difusão de conhecimentos e das condições de acesso às informações, promovidas pelo processo de globalização, a escola passa a incorporar outras funções para além da escolarização – nos moldes tradicionais. Pressionada por uma nova demanda de formação para o trabalho, assume para si compromissos e tarefas que operam em sintonia com as exigências do mercado global. Algumas dessas reivindicações consistem na necessidade de formação de trabalhadores cada vez mais autônomos, predispostos ao trabalho em equipe e capacitados para o aprendizado e perspicácia nas situações novas e complexas e, diante disso, enfrentar desafios e atuar em relações sociais e de trabalho em permanente transformação.

No contexto de tais transformações e exigências de diretrizes liberais, emerge a noção de Educação Empreendedora como perspectiva de solucionar, ou então, amenizar tais discrepâncias entre as exigências do mercado de trabalho e a formação do indivíduo. A formação para o empreendedorismo, dentro desse quadro social e econômico, passa a ser uma condição primordial. Há uma verdadeira e profunda demanda pela formação de trabalhadores ou cidadãos em sintonia com o conjunto de necessidades impostas pela sociedade global. Dolabela (2003, p. 83) acrescenta, “a construção do conhecimento parte de situações reais capazes de criar vínculos naturais entre os conhecimentos anteriores e os novos conhecimentos do aluno”.

A Educação Empreendedora ou Pedagogia Empreendedora, de acordo com Dolabela (2004, p. 2),

(...) possui foco na comunidade, e não no indivíduo. Porém, trabalha-se o indivíduo porque, dentro da Pedagogia Empreendedora, o empreendedor é um indivíduo que gera utilidade para os outros, que gera valor positivo para sua comunidade. Assim, procura-se desenvolver as comunidades através das pessoas.

Uma Educação Empreendedora, do ponto de vista pedagógico, almeja, por meio da disseminação e do desenvolvimento da cultura de empreendedorismo, a formação de uma juventude mais bem preparada para os desafios e as transformações destacadas. Devem ser, antes de tudo, plenos de consciência de suas responsabilidades perante o desenvolvimento de sua sociedade e, numa esfera político-econômica, dos rumos do país.

O ato ou proposta de empreender, contudo, não se encerra apenas no universo empresarial. Há, ainda, outras habilidades que estão em jogo em que a exigência básica e mola mestra é a inovação. Nesse sentido, pode-se empreender não apenas enquanto funcionário em uma empresa (de terceiros, ou mesmo, sua própria empresa), mas também na execução de atividades de ação social, sem fins lucrativos – como no caso do empreendedorismo social.

Para Schirlo et al. (2009, p. 5-6),

Educar por meio da Educação Empreendedora não é apenas ensinar ferramentas e, tampouco, apresentar instrumentos. O professor para propiciar uma Educação Empreendedora precisa rever os métodos de ensino e os conceitos de aprendizagem.

Na proposta da sociedade para o desenvolvimento, não é mais aceita a falta de atitude e compromisso com o futuro. A ideia é a de estimular a formação de indivíduos ativos, sempre buscando e propondo discussões e questionamentos no âmbito da sala de aula.

Segundo a perspectiva do Portal SEBRAE, *online*:

Educação Empreendedora é aquela que ajuda o estudante a enxergar e avaliar determinada situação, assumindo uma posição proativa frente a ela, capacitando-o a elaborar e planejar formas e estratégias de interagir com aquilo que passou a perceber.

É este o pensamento que seguiremos em todo o trabalho, uma vez que a pesquisa é voltada ao SEBRAE-PB, feita com professores da instituição.

1.1 – Empreendedorismo: conceitos e teorias

Na atualidade, são muitas definições e teorias para o termo “empreendedorismo”, algo que proporcionou a criação de duas correntes distintas: a primeira, a dos economistas que associam o empreendedor à inovação (CHAGAS, 2000), e, a segunda, de caráter comportamentalista, que enfatiza os aspectos atitudinais na atuação de empreender, tais como a criatividade, por exemplo.

O termo empreendedorismo surgiu em meados do século XVII (HISRICH & PETER, 2004) e foi fortemente difundido pelo economista Richard Cantillon – banqueiro e capitalista. Em um de seus textos, revela-se um homem em busca de oportunidades de negócios, preocupado com o gerenciamento inteligente e obtenção e otimização de seus rendimentos. Outro economista, Jean-Baptiste Say, considerava o desenvolvimento econômico como resultado da criação de novos empreendimentos e ansiava pela expansão da Revolução Industrial inglesa até a França (BAGGIO & BAGGIO, 2014).

Para Cantillon e Say, os empreendedores eram pessoas que corriam riscos, basicamente porque investiam seu próprio dinheiro, aproveitavam as oportunidades com a perspectiva de obtenção de lucros, assumindo os riscos inerentes. Ambos não estavam interessados somente em economia, mas também na criação de novos empreendimentos.

Outros economistas e teóricos clássicos do empreendedorismo, como Joseph Schumpeter e William Baumol, também contribuíram para o entendimento expandido do termo. Eles associaram, de forma clara, a noção de empreendedorismo à inovação, afirmando que a essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios, definindo o empresário como agente central no processo de mudanças socioeconômicas (BAGGIO & BAGGIO, 2014).

A partir de 1980, foram intensificados os estudos sobre o empreendedorismo através de pesquisas em diversos países (Estados Unidos, Canadá, França) para se entender melhor todo esse universo (HISRICH & PETER, 2004). O interesse estava direcionado à busca de estratégias para garantir o sucesso dos novos empreendimentos, acentuando a relevância da articulação entre escola/universidade e empresas. As pesquisas tratavam de temas como: características comportamentais de empreendedores, educação empreendedora, pedagogia e cultura empreendedora, empreendedorismo e sociedade, empreendedorismo e pequenos negócios, novas oportunidades, desenvolvimento e gerenciamento de negócios, intraempreendedorismo, auto emprego, entre outros; começa então a expansão no termo “empreendedorismo” no campo educacional notadamente nas universidades e empresas. Neste sentido, para Hisrich e Peter (2004, p. 33), “o papel do empreendedorismo no

desenvolvimento econômico envolve mais do que apenas o aumento de produção e renda per capita; envolve iniciar e constituir mudanças na estrutura do negócio e da sociedade”.

A outra vertente do empreendedorismo, conforme mencionada anteriormente, é composta pelos comportamentalistas. Neste contexto, destaca-se a importância de David C. McClelland inspirado em Max Weber. Segundo Baggio & Baggio (2014, p. 4):

Um dos primeiros autores desse grupo a demonstrar interesse foi Max Weber. Ele identificou o sistema de valores como um elemento fundamental para a explicação do comportamento empreendedor. Via os empreendedores como inovadores, pessoas independentes cujo papel de liderança nos negócios inferia uma fonte de autoridade formal. Todavia, o autor que realmente deu início à contribuição das ciências do comportamento foi David C. McClelland.

McClelland deu início à tradicional contribuição das ciências do comportamento para o empreendedorismo. Ele sugere um mecanismo psicológico interveniente, reformulando, assim, a hipótese inicial sobre o empreendedorismo. Em sua pesquisa, identificou uma característica no ser humano o que chamou de “motivação para realização”. Em seu livro *The Achieving Society*, este autor apresentou uma teoria que explicaria o ímpeto humano ao empreendedorismo, denominada de “força motriz” da motivação empreendedora. Até então, pensava-se que o empreendedor era o indivíduo que nascia com essa característica, algo que os tornaria, naturalmente, empresários na vida adulta (BAGGIO & BAGGIO, 2014).

A teoria apresentada, a qual norteia todos os estudos até hoje, no que tange aos comportamentos empreendedores, e que procura explicar a motivação do ser humano associando-a a três necessidades. Tais necessidades, interfeririam nas ações das pessoas em nível organizacional, de gestão e pessoal. São elas: 1) a necessidade de realização, a qual reflete a vontade de atingir os desafios, de fazer algum melhor; 2) a necessidade de afiliação, essa traduz o desejo do ser humano em estabelecer relações pessoais, pertencer a grupos e, por fim, 3) a necessidade de poder, e essa reflete a vontade de controlar, influenciar e ser responsável por outras pessoas ou situações. Nessa questão, é possível pensar que a partir do autoconhecimento, reconhecendo nossas características, podemos nos tornar mais bem preparados profissionalmente, segundo o cenário e as circunstâncias as quais estamos inseridas (MCCLELLAND, 1985).

Na perspectiva comportamentalista, o termo empreendedor se torna “*entrepreneurship*”, que é diferente do empreendedor empresário, isto é, tipificado por suas habilidades atitudinais frente as dificuldades ou mesmo oportunidades sem, necessariamente, vincular-se a fatores econômicos. Para Souza Neto (2003, p. 112),

Significa a atitude psicológica materializada pelo desejo de iniciar, desenvolver e concretizar um projeto, um sonho. Significa “ser empreendedor” e diante desta perspectiva, reafirmamos que o empreendedorismo é algo que transcende o campo dos negócios da economia.

No Brasil, o tema avançou e conseguiu mais espaços e adesão. Além das universidades, a temática chegou as escolas de ensino formal, inclusive fundamentando projetos pedagógicos. Em meados da década de 90, o professor Fernando Dolabela desenvolveu a teoria do empreendedorismo como forma de inserção social o que chamou de “teoria dos sonhos” (BAGGIO & BAGGIO, 2014). Para este autor, num contexto de exclusão que vide a sociedade, sobretudo as classes menos favorecidas, desenvolver nesses jovens a cultura do empreendedorismo, pode levá-los a não desistir de seus sonhos, ou até mesmo criar sonhos, haja vista que o comportamento positivo diante das dificuldades pode ser uma forma de reagir para ser protagonista de sua história. Afinal, no seu entendimento, empreendedorismo era transformar sonhos em realidade e riqueza (DOLABELA, 2010).

É interessante frisar o que diz Dolabela (2010, p. 44) sobre os empreendedores: “Pode-se dizer que os empreendedores se dividem igualmente em dois times: aqueles para os quais o sucesso é definido pela sociedade e aqueles que têm uma noção interna de sucesso”.

Essa visão ampla do empreendedorismo abre as portas para se falar em “Educação Empreendedora” para crianças e adultos deixando de vincular o espírito empreendedor exclusivamente às atividades de criação de empresas. O processo metodológico da Pedagogia Empreendedora envolve a construção de novos padrões de comportamento a partir de descobertas interessantes sobre as potencialidades pessoais, no contexto cultural, motivacional e sonhos. Assim, para a construção desse processo, o professor é o agente de transformação, porque a metodologia pressupõe cooperação para a construção coletiva.

Quando se fala de empreendedorismo, logo nos remetemos à ideia de “negócios”; contudo, esquecemo-nos de que antes de pensar em negócios é preciso orientar nosso comportamento para a realização de determinados objetivos. Segundo Zarpellon (2010, p. 48): “o empreendedorismo é visto mais como um fenômeno individual, ligado à criação de empresas, quer através de aproveitamento de uma oportunidade ou simplesmente por necessidade de sobrevivência”. No entanto, também consiste num fenômeno social que pode estimular o indivíduo, ou uma comunidade, a desenvolver capacidades de solucionar problemas, além de buscar a construção do seu próprio futuro, isto é, de gerar um tipo de capital social e capital humano para si e para sua comunidade.

1.2 – Algumas críticas à Educação Empreendedora

A motivação empreendedora – sustentada por uma visão liberal econômica – recebeu algumas críticas, notadamente relacionadas ao papel e propósitos na Educação. Há uma compreensão usual de que o empreendedorismo, hoje, no Brasil e, também, no mundo, transformou-se em palavra de ordem – até mesmo um clichê. Numa defesa e apoio baseados na crença de que o sucesso está nas atitudes do indivíduo, e isso configuraria a garantia de seu sucesso econômico na vida. Segundas tais críticas, trata-se de um equívoco.

O discurso sobre o empreendedorismo se tornou lugar comum e permeia as propostas e políticas para a formação dos trabalhadores, principalmente da juventude, em diversos continentes. Na América Latina, a manifestação de maior abrangência em prol do empreendedorismo na educação foi feita pela Oficina Regional de Educação para América Latina e o Caribe (OREALC) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), anunciada no Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe – PRELAC que incluiu um quinto pilar, o “aprender a empreender” aos quatro estabelecidos, em 1996, pelo Relatório Delors da Comissão para a Educação no século XXI da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (DELORS, 1999) (COAN, 2013, p. 3).

Para os críticos, faz-se necessário, para além do caráter individual e de mérito nas conquistas pessoais, avaliar os contextos e conjunturas sociais e econômicas. São avessos ao discurso meritocrático, muitas vezes apregoado por defensores vorazes do empreendedorismo. Atentam para a importância de se considerar o ambiente e as oportunidades oferecidas aos indivíduos, suas condições materiais, econômicas, raciais, etc., para que, verdadeiramente, verifique-se o quanto tais condições impostas a ele interferem em suas escolhas e em suas conquistas (GUERRA & TEODÓSIO, 2014).

Nos últimos tempos, o empreendedorismo passou a ser abordado pelo pensamento industrial brasileiro com o discurso de favorecimento ao desenvolvimento sustentável do país e, assim, o Sistema Indústria procurou institucionalizar um plano nacional de estímulo ao empreendedorismo e à formação de empreendedores, por meio de ações e programas, de cunho educacional, voltados para o empreendedorismo, inovação e competitividade (COAN, 2011, p. 155).

Outra questão muito discutida é a ideia de se ensinar empreendedorismo por encontrar nesta vertente uma boa possibilidade de se situar na profissão e no mercado de trabalho. Diante disso, uma questão se apresenta como importante: e se as pessoas não quiserem empreender? Isto é, se não estiverem dispostas à aceitação das regras do jogo liberal? A partir daí, seria interessante compreender qual é a proposta da Educação Empreendedora – seu processo dinâmico de conscientização, reflexão, associação e aplicação que envolve transformar a experiência e o conhecimento em resultados aprendidos e funcionais. E, neste

sentido, percebe-se a estreita e importante relação entre educação, experiência e conhecimento (LOPES, 2010).

Uma das questões relevantes na crítica ao ensino de empreendedorismo diz respeito ao papel do professor nesse processo de transformação atitudinal. Severino & Pimenta (apud Manfredi, 2002, p. 74) ressalta que o docente deve ser caracterizado como um profissional essencial no processo de transformação social. A Pedagogia Empreendedora é vista, assim, como alternativa ao ensino tradicional, focado na transmissão de conhecimentos, ela deve ser aquela na qual se requer que o professor se transforme em um facilitador do processo de aprendizagem. Segundo Ulrich & Cole (1987, p. 37), para tanto, essa aproximação exige do professor o uso de exercícios de aprendizagem, tais como: simulações de gerenciamento, exercícios estruturados ou focados em situações de *feedback*, nos quais o estudante deve tomar um papel ativo, conforme afirma

O que traz para discussão é que, de acordo com Hynes (1996, p. 17), o processo do “empreendedorismo foge dos princípios tradicionais de educação, ou o adotam de forma complementar”. O professor não foi preparado para isso, na sua formação inicial; pouco ou nada foi visto a respeito desse processo inovador. E, a alegação é que o processo de implantação, caso não seja bem acompanhado, pode interferir no resultado pretendido. Uma crítica que se apresenta ao discurso defendido por Dolabela em relação aos pilares da educação consiste na negligência do caráter formativo da educação, deslocando as discussões em torno das relações sociais para o âmbito do privado.

A individualização das iniciativas que consiste em jogar para o indivíduo a tarefa de sua autorrealização merece atenção, uma vez que se trata de uma ideologia que serve para legitimar a ordem vigente, não tem poder explicativo da realidade, intenta acomodar as pessoas, além de tratar a realidade de forma abstrata. Essa teoria, em síntese, sugere que basta que se tenha um sonho, não interessa qual seja, para que se possa realizá-lo (COAN, 2013, pp. 10-11).

Desta forma, poderíamos entender que não é oportuno somente estimular as pessoas a empreender, exercendo, de certa forma, seu trabalho de forma não crítica, isto é, insistir na noção de uma formação bem-sucedida com base no esforço individual e no “espírito” empreendedor. É preciso que se pense e se discuta as relações interpessoais e econômicas envolvidas no processo. Para Sabino (2005, pp. 2-3), a questão é muito mais complexa do que uma simples “receita” que dita que o empreendedorismo e o mérito de cada um é a única forma de ter sucesso na vida profissional. Quando a educação coloca isso para que as pessoas acreditem e sigam, algumas visões importantes são perdidas, sendo uma delas o fato de que nem todos os iniciantes neste processo tiveram e terão as mesmas oportunidades, tendo em

vista as desigualdades existentes na sociedade. Este texto pretende, dentro de suas limitações, apresentar algumas críticas pertinentes à Educação Empreendedora, pois entende que há potencialidades a serem trazidas e outros pontos de vista – críticos – que merecem destaque.

Outra questão percebida nos textos de Dolabela, ainda segundo o ponto de vista materialista histórico, consiste na romantização da ideia de que a Educação Empreendedora como forma de acabar com as desigualdades sociais e resolver uma determinada gama de seus problemas. É sabido que, apesar do resgate inovador em benefício de uma renovação da prática educativa tradicional, é possível que tal intento esbarre em problemas concretos de uma sociedade pautada por uma desigualdade de oportunidades. Nesse sentido, a lógica liberal – liberalismo econômico e meritocracia – não poderiam vigorar perante um abismo social configurado nas relações de emprego/salário, nas diferenças entre ricos e pobres e mazelas de ampla ordem. Uma Educação Empreendedora, dentro desse panorama desigual, comportar-se-ia como uma espécie maquiagem dessas relações de poder, haja vista que a realidade concreta e material impõem problemáticas a serem consideradas no plano das ações. Parte da crítica recai na compreensão de que

a ideia de empreender [comporta-se] como sinônimo de produção e distribuição de riquezas, sem a devida análise crítica a respeito das relações capitalistas de produção (...) O princípio liberal embutido na proposta da pedagogia empreendedora, que defende a ideia de que os impulsos egoístas concorrem para o bem comum; bem como revelam que a argumentação e o tom sedutor de tal proposta omitem os elementos materiais necessários à realização dos sonhos. Ou, seja, é uma proposta meramente idealista (COAN, 2013, p. 10).

Para Sabino (2005, p. 14), por meio do empreendedorismo na educação é difundida a ideia de que, se não eram iguais, agora serão, pois todos podem ser patrões, empreender, ter suas grandes empresas e, para isso, basta se esforçar, buscar e alcançar o sucesso pessoal. Contudo, sabemos que não é apenas isto que faz com que o indivíduo consiga o que quer apenas por mérito próprio, e esta é uma crítica que se faz com base no materialismo histórico.

CAPÍTULO 2 – EMPREENDEDORISMO NO BRASIL: BREVE RECORTE PARA A EDUCAÇÃO

O interesse pela temática de empreendedorismo no ensino tomou força a partir do desequilíbrio da economia com o processo da globalização, como vimos no capítulo anterior. Neste processo, muitas empresas perderam competitividade por falta de mão de obra especializada, o que gerou desemprego e mortalidade empresarial. Estes fatores incentivaram discussão a respeito do empreendedorismo no Brasil, com ênfase na educação.

A primeira iniciativa do ensino do empreendedorismo no Brasil, foi criada em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV), em São Paulo. Em 1984, a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), ofereceu a disciplina. Ainda em 1984, aconteceu o primeiro curso de empreendedorismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Departamento de Ciência da Computação. Em 1995, a Universidade de Brasília (UnB) implantou a Escola de Empreendedores, contando com o apoio do SEBRAE, FINEP E BNDES (FERNANDES, 2013).

Com a criação desses programas, o resultado foi a disseminação da disciplina de empreendedorismo, atingindo mais de 100 departamentos de ensino de informática, em 23 Estados brasileiros e no Distrito Federal. Em 1998, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) criou a Escola de Novos Empreendedores (ENE), a ideia era promover o intercâmbio entre empreendedores que resultasse numa associação que consolidasse a cultura empreendedora. Ainda em 1998, a Escola de Novos Empreendedores reúne profissional e pesquisadores de múltipla área de conhecimento, docentes e alunos de Pós-graduação em Engenharia de Produção e lança o Programa de Empreendedorismo direcionado ao Ensino Fundamental (DOLABELA, 2004). Também, em 1998, o Instituto Euvaldo Lodi Nacional criou uma política de estímulo à Educação Empreendedora não apenas nos cursos de informática (DOLABELA, 1999), mas em todas as áreas do conhecimento e convidou para desenvolvimento e implantação da política professor Fernando Dolabela, hoje conhecido como um dos precursores do ensino de empreendedorismo no Brasil.

A Educação Empreendedora tem como foco promover espaços que favoreçam o protagonismo juvenil para potencializar o desenvolvimento dos comportamentos empreendedores, para os objetivos individuais e coletivos, de forma a exercer sua cidadania de forma crítica, buscando seu desenvolvimento pessoal e social. Para os estudiosos da

educação, os desenvolvimentos de competências atitudinais são essenciais para os profissionais do futuro (OLIVEIRA et al., 2017). A descoberta de suas potencialidades pessoais, de suas motivações e sonhos podem ajudá-los a conceberem seus projetos pedagógicos, baseados em novos paradigmas educacionais, considerando todas as peculiaridades e incertezas da sociedade moderna.

Neste contexto, incomodado com o problema de exclusão social, de falta de geração de qualidade de vida para os jovens, sobretudo, de baixa renda, professor Dolabela viu no ensino do empreendedorismo como uma possibilidade de mudança social, possibilidade de incluir os jovens no processo de protagonista através do desenvolvimento sustentado local. Por isso, Dolabela (2004, p. 128) afirma que:

Então, entre 1999 e 2002, com um grupo de educadores e com o apoio da ONG Visão Mundial, desenvolvi um projeto que era um sonho antigo meu: uma metodologia de ensino do empreendedorismo para a educação básica. Batizei essa metodologia de “Pedagogia Empreendedora”.

Segundo Morin (2006, p. 39):

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida de despertar.

Neste contexto, este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre empreendedorismo como atitude, ou seja, é o empreendedorismo que antecede uma realização, seja de negócios ou um objetivo na vida. É preciso ampliar e desmistificar o termo “empreendedorismo”. Precisamos entender que uma pessoa empreendedora é aquela que desenvolve competências para perceber oportunidades com mais facilidade; e estas oportunidades podem estar relacionadas a criar negócios ou transformar valores de uma sociedade. Assim, uma pessoa empreendedora é aquela que busca mudanças de sua realidade por seus próprios resultados, que está aberta e disposta a metamorfoses, sempre à procura de algo transformador, novo, diferente, fazendo com que as pessoas ao redor percebam, mesmo sem sentir, o quanto o espírito empreendedor pode mudar vidas para melhor.

2.1 – Uma Educação Empreendedora no contexto brasileiro

Após entendermos o que é uma Educação Empreendedora, podemos perceber a importância da mesma, entendendo que ela estimula o uso de metodologias que contemplam,

de forma prática, os quatro pilares fundamentais da Educação: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Viver e finalmente Aprender a Ser (DELORS et al., 1998).

A abordagem Aprender a Conhecer é muito buscado na escola, mas a abordagem do Aprender a Fazer é pouco trabalhada. Contudo, para que se tenha um aprendizado fundamentado na ação-reflexão-ação, proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), apenas o Conhecer torna-se subjetivo e dependente da Escola. Para que se possa racionar e executar, numa compreensão de “quem sou eu; do que sou capaz; e do que preciso desenvolver para conseguir? ”, é necessário que o aluno desenvolva a dimensão do autoconhecimento, com habilidades e competências capazes de dar a ele o suporte para reagir, de forma sustentada, aos desafios impostos em sua vida.

A sociedade de hoje não aceita mais conteúdos tradicionais, o professor já não precisa ser transferidor de informações, a escola exige professores mais dinâmicos, propostas pedagógicas significativas, que levem aos jovens uma cultura de empreendedorismo, com foco no comportamento. Daí a importância de uma educação para o desenvolvimento das competências empreendedoras como a iniciativa, o planejamento, a meta, a trabalho em equipe, e autoconfiança.

A escola sempre esteve inserida em conflitos sociais, e o papel de pensadores da educação e pedagogos foi de fundamental importância na articulação de diversos segmentos em torno de um ideal de escola. Nos Estados Unidos e na Europa, grandes avanços no processo didático já eram noticiados.

Neste turbilhão de acontecimentos, no Brasil, ganhou força o movimento da Escola Nova na primeira metade do século XX. Os primeiros inspiradores da Escola Nova foram os escritores Jean Jacques Rousseau, Heinrich Pestalozzi, Friedrich Froebel e John Dewey (LUSTOSA JR., 2012).

Segundo Lustosa Jr. (2012, p. 2)

Esse movimento educacional surgiu para propor novos caminhos a uma educação que a muitos parecia em descompasso com o mundo das ciências e das tecnologias, que eram o marco inovador da época. Nesse contexto de avanços científicos, os educadores procuraram introduzir ideias e técnicas que tornassem o processo educacional mais eficiente e mais realizador para o ser humano. Portanto, a Escola Nova pretendeu promover a pedagogia da “existência” superando a pedagogia da “essência”, ou seja, tratava-se de não mais submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos e sim voltá-lo para ser único, diferenciado, interagindo com o mundo dinâmico).

Lustosa Jr. (2012, p. 2) afirma ainda que, “No Brasil, vários educadores de destacaram, especialmente após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932”, tendo como personagem central o jurista educador Anísio Teixeira, seguido por

Manuel B. Lourenço Filho, Cecília Meirelles e muitos outros personagens atentos aos rumos da Educação e no descompasso da Educação com o mundo das ciências e das tecnologias, que se manifestaram por meio de um documento que buscavam diretrizes para política de Educação (CAMURRA, 2008).

A sociedade questionava e clamava por mudanças, quanto ao papel que a escola deveria desenvolver na concretização, transformação, criação, recriação, integração e universalização do saber. Neste contexto, a escola foi desafiada a mudar suas práticas pedagógicas, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente e mais significativo para os educandos. A proposta cerne do movimento era que o aluno interagisse com o mundo mais dinâmico, mais significativo, do ponto de vista de inserção dos seus alunos às questões do mundo. A proposta era a escola desenvolver-se além do ensino. O movimento questionava a postura do professor, que, naquela época, era um transferidor de informações de forma linear, detentor do conhecimento (LUSTOSA JR., 2012), ditando as regras a que todos estavam “obrigados” a replicar, ou seja, os jovens não eram estimulados a pensar, a criticar, a construir seus aprendizados.

Segundo Camurra (2008, p. 3, apud Lustosa Jr., 2012, p. 4),

A educação nova tem sua finalidade alargada para além dos limites das classes, assumindo feição mais humana, assumindo sua função social, no intuito de formar a “hierarquia democrática” pela “hierarquia das capacidades” com oportunidades iguais de educação, com objetivo de organizar, desenvolver meios de ações com o fim de dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma de suas etapas de crescimento.

Como consequência do movimento, a escola de hoje não pode mais limitar-se a alfabetizar e dar formação básica. É preciso preocupar-se com a preparação do aluno para enfrentar os desafios futuros do mundo do trabalho, até porque o jovem dessa sociedade questiona a escola e como ela resolve, ou mesmo ajuda a enfrentar os desafios da sua própria existência no buscar possibilidades de se inserir no mundo do trabalho.

Durante muito tempo, mesmo recentemente, a escola utilizou a comunicação com seus alunos, transmitindo seus saberes num processo dedutivo e linear, onde todos ouviam e nada questionavam. Para os jovens dessa era, não basta saber, é preciso entender para que. Uma pergunta que não cala em sala de aula pelos jovens é: “o que eu vou fazer com isso?”. Passa, então, a escola a viver uma evolução nas práticas pedagógicas. É na proposta de uma Educação Empreendedora, sempre debatida no meio da educação, que surge uma possibilidade de inovação em face da amplitude e vicissitudes gerais que envolvem essa temática. O empreendedorismo, como eixo norteador na educação, sempre andou junto da

própria educação, se a entendermos como um processador social, sempre em mutação. E, além disso, não se trata de uma preparação para o que há de vir nas nossas vidas, mas, sim, educação é a nossa vida, propriamente (DEWEY, 1959).

Entendemos, portanto, que o empreendedorismo, como conceito, é compreendido como a capacidade de descobrir e utilizar as melhores potencialidades no mundo do trabalho, o aumento da autoestima, da proatividade e da cooperação, uma abordagem bem significativa para os jovens no mundo atual. Mas, contraposto a isto, na formação dos professores que atuam nos anos iniciais da educação nada é mencionado sobre Educação Empreendedora. Nas atividades de ensino e aprendizagem, também não lhes é oferecida informação para a compreensão desses conceitos, sendo que no mundo inteiro crescem as iniciativas para a formação de jovens empreendedores, e esta formação é responsabilidade da escola.

CAPÍTULO 3 – O MODELO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA DO SEBRAE

A sociedade contemporânea exige pessoas empreendedoras, autônomas, com competências múltiplas, que saibam trabalhar em equipe, tenham capacidade de aprender e adaptar-se a situações novas e complexas, de enfrentarem novos desafios e promoverem transformações. Em decorrência dessa realidade, a Educação Empreendedora passou a ocupar posição estratégica no campo econômico e social no cenário brasileiro. É preciso aprender sobre empreendedorismo.

Desde sua criação em 1972, o SEBRAE tem se firmado como relevante agente de transformação no cenário econômico e social brasileiro. Atento ao futuro, na perspectiva de uma sociedade mais justa, em que as oportunidades e desenvolvimento pessoal e profissional o SEBRAE tem como missão de disseminar a cultura do empreendedorismo e a ampliação do acesso à educação continuada. Olhando para o futuro, a instituição propõe-se a orientar numa visão educacional, com base nos princípios que contemplem as múltiplas dimensões do ser humano, e que entendam a regularidade no processo formativo construído a partir de experiências individuais e coletivas.

De acordo com os Wickert (2016, pp. 22-23):

Em 2015, ao rever seus referenciais educacionais, o SEBRAE “fortalece e reforça o compromisso de trabalhar conteúdos educacionais de forma contextualizada, revelando as suas dimensões conceituais, científicas, históricas, econômicas, ideológicas, políticas, culturais e educacionais”, o que exige da instituição uma nova forma de trabalho pedagógico, que dê conta desse desafio. Sendo, portanto, os referenciais educacionais instrumentos norteadores para a elaboração de produtos de capacitação de diferentes formatos e modalidade.

Todas as metodologias educacionais desenvolvidas pela instituição têm como premissa, os quatro pilares da educação: o saber conhecer, saber fazer, saber ser e saber conviver da UNESCO, que embasam os processos educativos e o desenvolvimento de competências de natureza cognitiva, atitudinal e operacional (SEBRAE, 2015).

Mesmo existindo várias teorias sobre processos de aprendizagem humana, o SEBRAE fez a opção das teorias coerentes com sua proposta pedagógica, tanto nos pilares da UNESCO, quanto nas competências nas teorias sócio-críticas (Paulo Freire), humanistas (Carl Rogers), cognitivistas (Piaget), nos princípios que contribuíssem para materializar uma educação que fosse, realmente, empreendedora. Ademais, utiliza-se ainda da teoria histórico-social (Saviani), tendo em vista que possibilita a compreensão de ser integral, seja criança,

adolescente ou adulto, na sua formação como sujeito único, mas, ao mesmo tempo, social e histórico.

Segundo o que propõe, a pedagogia histórica-crítica, a avaliação da aprendizagem deve ser expressão prática de que o aluno se apropriou de um conhecimento, de um novo instrumento de compreensão da realidade e de ação transformadora. Assim, a avaliação da aprendizagem dialética do conhecimento é a manifestação de quanto o aluno aprendeu para resolução dos problemas e questões levantadas, quer dizer, se o aluno desenvolveu competências necessárias para se tornar capaz. Não somente de fazer uma leitura crítica da realidade, mas de agir sobre ela visando transformá-la (GASPARIN, 2009).

Neste aspecto, o SEBRAE propõe uma avaliação norteada pela observação do professor educador em relação ao nível de envolvimento durante todo o processo de aplicação da solução educacional proposta.

3.1 – A atuação do SEBRAE no ensino formal

O sistema SEBRAE foi criado pelo Governo Federal em 1972, e, segundo o Relatório de Gestão do SEBRAE (2015, p. 17), desde 1990 assumiu as características de entidade de direito privado, com plena autonomia administrativa. É uma estrutura federada com direção superior em Brasília e unidades autônomas nos Estados, cujo financiamento provém de parcela constitucional das receitas da União, prestação de serviços e contribuições das empresas.

O estatuto de empresa privada conferido ao SEBRAE foi extremamente benéfico ao desempenho de sua missão institucional. Graças a ele, obteve independência, flexibilidade executiva e poder de iniciativa, permitindo-lhe administrar com sintonia e agilidade as demandas complexas e dinâmicas do seu universo de atendimento.

A participação das empresas na gestão do SEBRAE é exercida por meio de representantes dos Conselhos Deliberativos de âmbito federal e estadual. Os Conselhos contam, ainda, com a representação de instituições afins do Governo, do sistema financeiro e do ensino superior. Afora, os recursos próprios que gerencia, em função de suas atividades regulares, têm grande significado. A instituição mobiliza no interesse de programas especiais de desenvolvimento de sua iniciativa, mediante parcerias celebradas com o Governo, com a iniciativa privada e instituições de fomento no exterior.

O SEBRAE se propõe, conforme explicita em seu Planejamento Estratégico, ser um instrumento, efetivamente, transformador da realidade brasileira, ajudando a instalar um ambiente favorável ao fortalecimento sustentável de iniciativas empreendedoras e o conhecimento do empreendedorismo entre crianças e jovens alunos da Educação Básica. Dessa forma, de acordo com os Referenciais Educacionais (2006, p. 26), o SEBRAE cumpre o seu compromisso “coletivo e permanente de formação de indivíduos, para que despertem e desenvolvam seu potencial empreendedor, de maneira a melhorar sua qualidade de vida e a de sua comunidade”.

O processo de construção de novos padrões do comportamento está na formação, sobretudo, nos anos iniciais, onde a criança precisa descobrir como se guiar em meio ao mundo de significados que a sua realidade possui, e que a qualidade de sua formação e aprendizado exercerá grande influência sobre seu comportamento na vida futura.

Para tanto, as ações educacionais do SEBRAE, além de desenvolverem e aplicarem instrumentos voltados para o desenvolvimento de competências para abrir e gerenciar negócios, tem hoje, também, um novo enfoque de por meio da educação formal gerar um novo empreendedor. Uma proposta desafiante para a instituição, e, ao mesmo tempo, uma estratégia para desenvolver, no país, uma cultura empreendedora, dentro de uma perspectiva de fomentar o desenvolvimento local sustentável, por meio do comportamento arrojado que se articula com cidadania, cooperação e responsabilidade social.

Nesta nova concepção do SEBRAE, entendemos que o comportamento empreendedor passa a ser compreendido como uma atitude, uma postura perante a vida, um estado de espírito que motiva e impulsiona o indivíduo para sonhar e agir, para ser agente de mudança e transformação, afinal, fomentar empreendedorismo implica fomentar o desenvolvimento sustentável local.

Foi pensando nisso que o SEBRAE desenvolveu o Programa Nacional de Educação Empreendedora, com foco nos três segmentos do Ensino Formal: Fundamental, Médio e Superior, com o “objetivo de ampliar, promover e disseminar a Educação Empreendedora nas instituições de ensino por meio da oferta de conteúdos de empreendedorismo nos currículos, objetivando a consolidação da cultura empreendedora na Educação”, de acordo com o Manual de Gestão do Programa Nacional de Educação Empreendedora (2017, p. 96).

A estratégia do Programa é atuar em parceria com instituições de ensino público-privado, por meio de convênio e edital. A base teórico-metodológica do projeto está em consonância com os Referenciais Educacionais do Sistema SEBRAE, que estabelece uma

correspondência entre os quatro pilares da educação para o século XXI da UNESCO, com as três correntes pedagógicas consagradas: a cognitivista, a humanista e a sócio-crítica.

3.2 – O Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos

De acordo com informações disponíveis no site do SEBRAE, o curso Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP) teve sua origem no SEBRAE/SP, em meados de 2001, e desde 2002 vem sendo aplicado em cada vez mais Estados. O curso tem como proposta a disseminação da cultura empreendedora e da cooperação nas instituições de ensino visando desenvolver novas competências nos educadores e educandos envolvidos, além de despertar a comunidade escolar para possibilidades de inovações no processo de ensino aprendizagem do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano (GIOGINO et al., 2012).

À medida que o curso incentiva o desenvolvimento de comportamentos empreendedores e estimula o protagonismo infanto-juvenil, contribui para o desenvolvimento da localidade e promove uma mudança cultural em relação ao empreendedorismo no Brasil, junto às futuras gerações. No referido curso,

O papel do educador não será mais o de um transmissor de conhecimentos já feitos, mas o de alguém que seja capaz de manter desperto no educando o princípio da cultura continuada, que jamais poderá ser confinada ao tempo escolar. [...]. Porque ele é um agente provocador e desequilibrador de estruturas mentais rígidas. [...]. Ensinar a aprender, a se construir ou a se reconstruir: eis o papel do educador. Todo progresso na educação está na construção do espírito e não em sua domesticação (JAPIASSU, 1992, apud SILVA 2002).

O JEPP tem apresentado, ao longo de sua existência, excelentes resultados entre os clientes participantes em todos estados que o utilizam. Em função desses resultados, na Paraíba, começou a ser trabalhado a partir de 2015 em escolas públicas municipais. As duas primeiras escolas foram no município de Cajazeiras. Atualmente, já são mais de 150 escolas que trabalham com essa metodologia. São mais de 200 professores capacitados pelo SEBRAE e mais 5.000 crianças e jovens passaram por essa metodologia. As pesquisas mostram a efetividade da metodologia, seja do ponto de vista de inovação nas práticas pedagógica pelo professor, seja pelo interesse dos alunos, que vêem na metodologia uma prática incentivadora e significativa dos conteúdos em sala de aula.

O JEPP está alicerçado em dois eixos centrais: Comportamento Empreendedor e Planejamento. Por meio de oficinas práticas os conteúdos são trabalhados de forma

interdisciplinar os alunos são estimulados a desenvolver o comportamento empreendedor com base nas 10 características do Comportamento Empreendedor a saber: 1) Busca de oportunidades e iniciativa; 2) Persistência; 3) Comprometimento; 4) Exigência de qualidade e eficiência; 5) Correr riscos calculados; 6) Estabelecimento de metas; 7) Busca de informações; 8) Planejamento e monitoramento sistemático; 9) Persuasão e rede de contatos e 10) Independência e autoconfiança – conforme apresentado no Manual de Gestão do Programa Nacional de Educação Empreendedora (2017).

Segundo Vasconcelos (2017, p. 16),

Além destes pilares o curso conta com alguns temas transversais que cooperam para o aprofundamento dos objetivos sugeridos. São eles a ecossustentabilidade visando o desenvolvimento da convivência e consciência ecológica; a ética e cidadania com objetivo de estimular o olhar crítico e consciente do meio social em que o aluno está inserido visando o fortalecimento ético da criança e do adolescente não só como pessoas, mas também como cidadãos; a cultura da cooperação onde são realizados trabalhos em conjunto e a busca por soluções de determinados problemas de forma conjunta; por fim, temos a cultura de inovação, que traz a proposta da renovação, aperfeiçoamento e criação.

O curso se desenvolve a partir de uma metodologia vivencial e semiaberta se baseia em novos paradigmas, fazendo pensar o empreendedorismo em um sentido amplo, sistêmico e sustentável, proporcionando a escola e aos professores a oportunidade e liberdade de fazer adequações do tema, de forma a contextualizar eficazmente o curso a realidade local e dos alunos – SEBRAE: *Manual de Operacionalização Guia do Gestor Estadual* (2012).

A fundamentação teórica está baseada na proposta de uma Educação Empreendedora que incentiva a autonomia do aluno, por meio da valorização da iniciativa, colocando-o para aprender a fazer; no professor, como facilitador deste processo, permitindo que os alunos sejam atores das atividades propostas, propondo articulações do curso com a sua realidade; em espaços de aprendizagem que favoreçam o protagonismo infantojuvenil: a partir de espaços de aprendizagem que possibilitem as crianças e jovens o processo de reflexão-ação-reflexão; no incentivo aos comportamentos empreendedores: na teoria e na prática, em que os alunos pensam na sua realidade, trabalham em equipe, tomam decisões, organizam o trabalho que devem entregar, definem estratégias, cuidam da qualidade daquilo que estão fazendo, pensam nos impactos ambientais e sociais e avaliam resultados. Dessa forma, os alunos são estimulados a vivenciar situações que incentivam os comportamentos empreendedores no ambiente do curso e que podem ser aplicados em qualquer esfera das suas vidas (SEBRAE, 2012).

3.3 – Conteúdos, ciclos de aprendizagem e métodos do Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos.

De acordo com informações do Manual de Gestão (2017), a implantação do programa nas escolas é feita a partir de parcerias com as Secretarias Municipais de Educação. A primeira etapa de implantação é uma reunião onde o SEBRAE, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, visa a apresentação do curso onde também são firmados os termos de parcerias e responsabilidades de cada parte envolvida. Na segunda etapa, as entidades formalizam a parceria, assinando um documento de formalização com validade determinada conforme negociação entre o SEBRAE e a instituição parceira. Na terceira etapa, acontece a oficina de sensibilização, com duração de quatro horas, e tem por objetivo sensibilizar os professores para a temática e conhecimento da proposta do curso.

A indicação dos professores é feita pelas Escolas contempladas pela Secretaria de Educação para trabalharem com a metodologia. Na etapa cinco, acontece a capacitação dos professores na Fundamentação Teórica e Metodológica do JEPP. Esta capacitação é de caráter obrigatório para o professor.

A capacitação dos professores está estruturada em quarenta e cinco horas, sendo dividida em duas etapas. A primeira, de fundamentação metodológica, com duração de 8 horas, para todos os professores de 1º a 9º ano. Na etapa seguinte, os professores são divididos por segmento – 1º ao 5ºano, e 6º ao 9º ano. Nesta etapa, os professores conhecem a metodologia das oficinas que trabalharam com os alunos, conhecem também os manuais e participaram de todas as atividades, independente do ano em que ele esteja atuando.

A penúltima etapa do projeto é a aplicação em sala de aula com os alunos, pelos professores capacitados. Os encontros são realizados de uma a duas vezes por semana garantindo assim a qualidade do aprendizado dos alunos. O projeto tem a duração em média de três meses na escola, de acordo com o plano de aula do professor.

A culminância do projeto acontece na Feira do Jovem Empreendedor. Nesta Feira, as crianças, juntamente com seus professores, vão mostrar para a comunidade escolar, pais, e visitantes tudo que produziram durante os três meses. É um momento em que as crianças se sentem muito valorizadas e os professores orgulhosos pelo desempenho de seus alunos.

Durante o processo, duas visitas de monitoramento são feitas nas escolas. Durante as visitas, os gestores do SEBRAE conversam com os professores sobre o processo de aplicação, dificuldades, sugestões e ao final da Feira do Jovem Empreendedor acontece a avaliação final.

Essa etapa é de fundamental importância para o sucesso do curso, pois é por meio dela que é possível visualizar falhas e corrigi-las, assim como identificar pontos de melhoras, a fim de assegurar o deleite dos parceiros e público-alvo.

O tema de trabalho proposto para cada ano é adequado à complexidade da faixa etária correspondente, bem como os jogos, dinâmicas grupais, exercícios e pesquisas dentro e fora da sala de aula, com uma proposta lúdica. A metodologia procura responder às necessidades dos alunos, qualquer que seja sua condição escolar, social econômica e cultural, bem como incentivar o envolvimento da comunidade escolar.

Vejam os **Quadro 1**, que explica como é a dinâmica de cada ano.

Quadro 1: Dinâmica por ano (JEPP):

ANO	TRABALHO
1º ano - “O mundo das ervas aromáticas”	Os alunos são instigados, a partir de uma história, a desenvolver o comportamento empreendedor e vivenciar as etapas de um plano de negócios, por meio da montagem de uma loja de ervas aromáticas. Com a ajuda da Filomena, personagem especial no material do 1º ano, as atividades favorecem a ludicidade e estimulam a imaginação dos alunos. Filomena envia presentes, bilhetes e ervas aromáticas para os alunos conhecerem. Além disso, os alunos são estimulados a despertar para uma visão ampla do empreendedorismo, que engloba a cooperação, a ecossustentabilidade, a cidadania e a ética.
2º ano - “Temperos naturais”	A partir da ideia de interação com a natureza, propõe-se o plantio e a montagem de uma loja de temperos naturais para vender, por exemplo, mudas de cebolinha e salsinha. Com jogos e brincadeiras cooperativas, a ideia é desenvolver comportamentos empreendedores, necessários para vivenciar as etapas de um plano de negócios. O material conta a história de Leonardo, que se muda da cidade para o campo e descobre muitas coisas interessantes sobre plantio e sobre agronegócios com seu novo vizinho, Sr. Mário
3º ano - “Oficina de brinquedos ecológicos”	A proposta é a montagem de uma oficina de brinquedos ecológicos, elaborados com material reciclável. Nesse espaço, os alunos venderão os brinquedos e jogos elaborados por eles e também poderão ensinar aos clientes como produzi-los. Além disso, no momento da brincadeira incentiva o autoconhecimento e a percepção do outro, aspectos necessários ao desenvolvimento dos comportamentos empreendedores. Ressalta-se, ainda, que o divertimento e o lazer são condições fundamentais para promoção da saúde e qualidade de vida.
4º ano - “Locadora de produtos”	A dinâmica do curso no 4º ano incentiva a diversidade de leitura e de outras formas de entretenimento, sensibilizando as crianças sobre o empreendedorismo por meio da montagem de uma locadora de livros, gibis, brinquedos, games ou vídeos. Durante os encontros, as crianças têm oportunidade de vivenciar o processo de planejamento bem como o efetivo funcionamento de uma empresa de prestação de serviços. São convidadas a experimentar o empréstimo e a locação como uma oportunidade de ampliar e enriquecer os momentos de divertimento.

5º ano - “Sabores e cores”	O 5º ano trabalha o alimento como uma grande oportunidade de negócio. Os alunos montam uma empresa de produtos alimentícios, priorizando produtos naturais, e aprendem sobre clientes, concorrentes e produtos. O tema sabores e cores têm como pano de fundo a atenção voltada para a saúde, a correta e adequada manipulação de alimentos, a educação ambiental e a utilização consciente dos recursos da natureza, tendo em vista o desenvolvimento sustentável.
6º ano - “Eco papelaria”	A visão de uma conduta sustentável como sendo possível e viável para todas as pessoas e para o planeta tem sido cada vez mais necessária de ser estimulada e colocada em prática. Assim, no 6º ano, são desenvolvidas habilidades empreendedoras com a montagem de uma “Eco Papelaria”, na qual os alunos criarão produtos a partir de papéis que seriam descartados como lixo. Com esta atividade empreendedora, são estimulados hábitos de cuidado com o meio ambiente e o reconhecimento da “Eco Papelaria” como uma oportunidade de negócio.
7º ano - “Artesanato sustentável”	Partindo da reflexão sobre a importância da sustentabilidade para o planeta Terra, os alunos são convidados a refletir sobre a realidade que os cerca para desenvolver a atividade empreendedora proposta para o 7º ano: artesanato sustentável. Os alunos desenvolverão trabalhos manuais com garrafas plásticas, retalhos de tecido e outros materiais que possam ser reutilizados e reciclados e que tenham disponibilidade em suas localidades. O constante trabalho em grupo orientado pelos passos de um plano de negócio favorece o desenvolvimento de uma conduta empreendedora, norteadas pelo exercício da criatividade e da cooperação. Os alunos podem desenvolver quaisquer técnicas artesanais pesquisadas por eles e pelo professor responsável e definidas como oportunidade.
8º ano - “Empreendedorismo social”	A ação social, como uma das dimensões do empreendedorismo, busca transformar desafios em soluções. Neste ano, empreendedorismo social tem como finalidade fomentar o potencial do aluno para a responsabilidade social, individual e coletiva, lançando um olhar para sua realidade, despertando para os problemas que acontecem em sua comunidade, fortalecendo, assim, o protagonismo juvenil. Os alunos são estimulados a elaborar e implementar projetos sociais.
9º ano - “Novas ideias Grandes Negócios”	No 9º e último ano, é oferecida aos alunos a possibilidade de criar e promover o próprio negócio. Os alunos definem o tipo de negócio que pretendem montar, podendo trabalhar com a produção e/ou venda de produtos ou prestação de serviços, de acordo com as oportunidades observadas no ambiente escolar, foco principal de atuação da atividade empreendedora que será desenvolvida. Assim, a temática “Novas ideias, Grandes negócios” propõe uma ação empreendedora direcionada por um plano de negócios que privilegie a cultura e as oportunidades locais.

Fonte: EDITAL DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA (2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe, em princípio, um apanhado histórico acerca da educação no mundo. Foi fundamental para a mesma passar por tantas mudanças trazidas pelas revoluções e globalização, uma vez que foi deste processo que nasceu um modelo totalmente inovador na forma de se educar pessoas.

Quando os processos de mudança, trouxeram consigo novas necessidades para o processo ensino aprendizagem. Agora, o mundo requer das pessoas uma formação mais completa, cheia de autonomia, interação e capacidades distintas de resolução de problemas. Sendo assim, nasceu a necessidade de se transformar aquela educação básica e alfabetização, que antes eram suficientes, em uma Educação Empreendedora.

Neste novo modelo de educação, a prioridade é incentivar o aluno a pensar, a desenvolver um senso crítico e a estar sempre em busca de algo transformador, de tornar sonhos realidade. Para isto, a atuação do educador deixa de ser passiva e passa a ser totalmente ativo, pois é por meio da figura do professor que os alunos serão despertados a inovar, fazendo com que a educação traga para as suas vidas algo inovador.

No modelo de Educação Empreendedora do SEBRAE, estudado em todo o texto, podemos apontar um programa da própria entidade, intitulado Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos, tendo como proposta a disseminação da cultura empreendedora e da cooperação nas instituições de ensino, visando desenvolver novas competências nos educadores e educandos envolvidos, ou seja, o público não se atém apenas a um ou ao outro, mas, sim, a ambos os lados da educação do Ensino Fundamental.

Como foi visto, a forma de abordagem do curso é muito interessante, pois acompanha a faixa etária das crianças nas fases do ensino fundamental e é ideal para cada uma delas. O programa já foi implementado em mais de 27 cidades do Estado da Paraíba. Por fim, podemos considerar, em tom de conclusão deste trabalho, que o método oferecido pelo SEBRAE junto aos professores por meio do JEPP é algo de fundamental importância. Essa metodologia, traz à sala de aula algo de interessante e vivo, desperta o interesse dos jovens para os conteúdos de ensino, além de fomentar neles a criatividade e a vontade de inovar, tanto na aprendizagem quanto na vida.

REFERÊNCIAS

SEBRAE. **A Proposta da Educação Empreendedora do SEBRAE**. Disponível em: <http://www.SEBRAEpr.com.br/PortalSEBRAE/SEBRAEaz/A-proposta-de-EducacaoEmpreendedora-do-SEBRAE>. Acesso em 22 de mai. 2018.

ARAÚJO, R. M.; GOMES, F. P.; LOPES, A. O. B. “**Pesquisa em Administração: qualitativa ou quantitativa?**” In: Vianna Sapiens, v. 3, n. 1, 2011.

BAGGIO, A.F. BAGGIO, D.K. **Empreendedorismo: Conceitos e definições**. 2014. Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/612-2762-2-PB.pdf Acesso em Acesso em 22 de mai. 2018

BARROSO, L. R. “**A Constituição brasileira de 1988: uma introdução**”. In MARTINS, I. G. S. et al. (Coord.) Tratado de Direito Constitucional. São Paulo: Saraiva. 2012.

CAMURRA, Luciana. **Escola Pública: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e o Direito à Educação**. Nov. 2008, UNIOESTE, Campos Cascavel. Disponível <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008.pdf>. Acesso: 24 de mai. 2018

CHAGAS, F. C. D. **O ensino de empreendedorismo: Panorama Brasileiro**. In: Instituto Euvaldo Lodi. Empreendedorismo: Ciência, Técnica e Arte, 2006.

COAN, M. **Educação para o empreendedorismo: Implicações epistemológicas, políticas e práticas**. Tese (Doutorado em Educação). UFSC – Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Catarina. 2011.

DELORS, J. (2001). **Educação: Um tesouro a descobrir**. Relatório UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI- 7ª Ed – Asa Editores II, S.A.

DEWEY, J. **Democracia e Educação: introdução à filosofia da Educação**. 3a. ed. São Paulo: Nacional, 1959.

DOLABELA, F. C. **Pedagogia Empreendedora**. Revista de Negócios, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 127-130, abril/junho 2004. Disponível em <http://gorila.furb.br/ojs/index.php/rn/article/viewFile/293/280> Acesso em 24 de mai. 2018

DOLABELA, F. C. **Oficina do empreendedor**. 6. ed. São Paulo: Cultura Editores, 1999.

FERNANDES, Renê José Rodrigues. 2013, FGV. **Breve histórico do ensino de empreendedorismo no Brasil**. Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/pdf Acesso em 24 de mai. 2018

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia - Histórico-Crítica**. 5. ed. Rev. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009. – (Coleção Educação contemporânea).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORGINO, P. S et al. VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão. **Empreendedorismo e Educação: estudos dos pilares educacionais**, 2012. Disponível em http://www.inovarse.org/sites/default/files/T12_0531_2647.pdf Acesso em 24 de mai. 2018

GUERRA, J.F.C. TEODÓSIO, A.S.S. **Pedagogia Empreendedora: uma crítica à luz das invenções do cotidiano**, 2014. Disponível em <http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2517> Acesso em 22 de mai. 2018

HISRICH, R. D., & Peter, M. P. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HYNES, B. **Entrepreneurship Education and training – introducing entrepreneurship into non-business disciplines**. *Journal of European Industrial Training*, v. 20, n. 8, p. 10-17, 1996.

LOPES, Rose Mary A. **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. São Paulo: Elsevier, 2010.

LUSTOSA JR., José Voste. 2012. **Ao povo e ao Governo: o ideário educacional do manifesto dos pioneiros da escola nova no brasil.** Disponível em http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_8_f6dc1b892a8cacc6eb8fcdf8a94bdd72.pdf Acesso em 24 de mai. 2018.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002

MCCLELLAND, D. C. **Human motivation.** Clenville: Scott Foresman, 1985.

MELO, Natália Máximo, **SEBRAE e Empreendedorismo – origem e desenvolvimento.** Dissertação de mestrado pela UFSC/SP do curso graduação em Ciências Sociais, 2008

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa.** Ano 2003. Disponível em: Acesso em: 12 mai. 2018.

MORIN, E. **Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: o Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

OLIVEIRA, M. C. S. A. C., et al., 2017. **Estratégias Ativas de Aprendizagem e o Desenvolvimento de Competências Técnicas e Atitudinais.** Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/23-261-1-PB.pdf> Acesso em 24 de mai. 2018

SCHIRLO, A. C.; SILVA, S. D. R. da.; RESENDE, L. M.; SILVEIRA, R. M. C. F. **Empreendedorismo dentro da Escola: uma necessidade do mundo globalizado.** Disponível em: <http://www.pg.cefetpr.br/gerec/wp-content/themes/utfpr-gerec/artigos/35.pdf>. Acesso em 22 de mai. 2018.

SEBRAE. **Manual de Gestão do Programa Nacional de Educação Empreendedora.** 2017. Disponível em [http://www.bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3390d6de90c8840a91d901f4f4980857/\\$File/9915.pdf](http://www.bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3390d6de90c8840a91d901f4f4980857/$File/9915.pdf) Acesso em 22 de mai. 2018.

SEBRAE. **Manual de Operacionalização Guia do Gestor Estadual,** 2012. Disponível em <http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/manager/uploads/arquivos/noticias/3731/jepp.pdf> Acesso em 22 de mai. 2018.

SEBRAE. **Relatório de Gestão do Exercício de 2014**. Disponível em: https://m.SEBRAE.com.br/SEBRAE/Portal%20SEBRAE/UFs/MG/Transpar%C3%A2ncia/Relatorio_Gestao_%202014_SEBRAE_Minas.pdf Acesso em 24 de mai. 2018.

SEBRAE. **Referenciais Educacionais do SEBRAE**: versão 2015 – Brasília: SEBRAE, 2015.

SILVA, Maria Luisa da. **Da Disciplina á Transdisciplinaridade: Resignificando a Educação**, Divinópolis-MG, junho 2002, Revista eletrônica do Curso Normal Superior

SOUZA, Neto, B. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do “virador”**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

ULRICH, Thomas A.; COLE, George S. **Toward more effective training of future entrepreneurs**. Journal of Small Business Management, v. 25, n. 4, p. 32, 1987.

VASCONCELOS, Sara Sayegh Lopes Nogueira de. **Pedagogia empresarial: a função do pedagogo na aplicação e desenvolvimento de um curso da instituição SEBRAE**. Caicó: UFRN, 2017.

ZARPELLON, S. C. **O empreendedorismo e a teoria econômica institucional**. Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía, 1(1), pp. 47-55, 2010.